

DUAS

FICHAS NOVAS EM ARTE

Fernando Galhano e Gardy Arriaga

por BRAZ BURITY.

UMAS trás das outras, sem folga, sem pausa, sem descanso, sem compasso e sem desencanação, sem conta, sem peso e sem medida, às exposições de Boas e Malas-Artes no Salão Silva Pôrto, como as asneiras que pucham asneiras e as cerejas que se escaroçam umas às outras, engrenam-se em coleante e variegada bicha de coisas péssimas e de coisas boas, de coisas más, muitas vezes, e, quando, raro, cáha, de coisas ótimas, em altos e baixos de ricas peças e reles porcarías, em trancos e barrancos de talento e critinismo, em esguichos de valor e repuchos de subalternaria, por montes e vales de Arte e de Lixo, de Bugigangas, Pacotilhas e Preciosidades, entre os dois polos artísticos do Belo e do Pilha, do Bom e do Mau, com guinadas imprevisitas para o «antes assim que peor» e tropeços crónicos para o «nem lá vou nem faço minga» — que a auroral trempe eudurística, olhando para aquilo, como boi para palácio, a tudo mete no mesmo saco de intruja e no mesmo número de linhas de prosa migada, de tudo dizendo, pelas mesmíssimas palavras de pasmacceira, as mesmas parvoçadas e as mesmas ternezas, em anzol à contribuição consuetudinária das ofertas de Fim da Feira e o perene vigário ao leitor da fôlha, que sabendo de cor a chapa que lhe impingem, vira o disco e acaba por os mandar bugiar aos artistas mail-a Santíssima Trindade.

— Ora, sendo assim as exposições tripeiras do Salão Silva Pôrto, em Cedofeita, invento industrial com patente e marca registada, começam a degenerar em hábito cidadão, e, sucedendo-se umas às outras, em fluxo semanal e encadeado corropio, vêm-lhe poisar nas lonas, em compita e concorrência às boas pratas da casa e aos doirados pechisbeques de Entre-muros, todos os moços e môças, todos os novos e vêlhos, que, do norte ao sul, do poente ao nascente, de todos os recantos de Portugal e suas adjacências, de tôdas as luras desta bemdita terra em que todos, mais ou menos, pintam a manta e todos se pintam e repintam para esgadanhar a Vida em officios leves e artes gags.

E todos, do primeiro ao último, tomaram o vêsso de luzirem, periódicamente, suas prendas e suas manhas, seus trabalhos e obras, seus crimes e delitos, suas culpas e feitos, naquela hospitaleira «Estalagem das Malas-Artes»,

que é, no Pôrto, para todos os artistas de Portugal, o que era — e não sei se ainda é — em Lisboa, a «Estalagem dos Camilos» para as lavadeiras de Caneças — e onde, o bom do Alberto Silva, de rabo pelado e falinhas mansas, em Cónego Regrante da Academia Silva Pôrto e Senhor Reitor das suas Pupilas, e mestre bodegueiro destes turismos de artes manuais, a todos recebe, sorridente e acolhedor, a preços fixos e percentagens módicas sôbre os problemáticos imprevisitos das vendas, dando-lhes arrumo e estadia pelos 8 dias da praxe, sem extras pela concomitante razão de celebridade, nas mangedoiras do Janeiro, do Comércio e do Noticias, com adjectivos em bom uso e retratos sem semelhança nas três fôlhas, e — como na Estalagem dos Camilos — com acomodações próprias para tôdas as trouxas, tôdas as roupas lavadas e tôdas as roupas sujas e com argolas privativas para tôda a casta de burricadas que lhe passam pela porta.

Ora, na turba-multa dos que por lá têm passado nestes últimos tempos, sem deixarem rasto que os enxergue na magna-caterva dos pintos mortos na casca e dos pintos chôcos pelos Brasis, neste vêlho sestiro e mau vêsso de arpoar valores, pondo as coisas nos seus lugares, desarrumando-as, as mais das vezes, dos sítios em que elas se põem — vá de pendurar neste simpático ficheiro de gentes novas que me dizem ser o *Sol Nascente*, as fichas inéditas e reveladoras do Fernando Galhano e da Gardy Arriaga — um atragalhadançaço e escanzelado moço, de boa cépa, que eu há muito trazia de ôlho, e uma gentilíssima e risonha rapariga, tôda osso e nervos, que nem de vista conhecia — e que, ambos, marcam, com frescura e leveza, com talento e vigor, um lindo e prometedor realce e destaque entre as gentes môças, que, começando hoje, com os olhos no amanhã e sem renegarem de ontem, se não torpeçarem no caminho e não meterem por atalhos, virão a ser gente — e gente que se veja, gente com que se conte — entre as gentes, que, em Arte, se contam e se vêem, entre a boa gente portuguesa — que, quando lhe dá para ser vista e contada, não pede meças a ninguém e não deixa, por seus feitos e obras, os seus méritos por mãos alheias...

Fernando Galhano, que já marcava a desenhar entre a discipulagem do vêlho Artur Loureiro — o grande mestre de Desenho — e que, no rebanho da alunarada do Alberto Silva, começa a atirar pedras ao Pastor — trouxe às lonas de Cedofeita uma dúzia de trabalhos que revelam e luzem um tenacíssimo temperamento de artista, que procura avançar e progredir, com personalidade e com arreganho, pelos íngremes e árduos trilhos que o bom do Artur Loureiro lhe marcou como roteiro para atingir em Arte, senão o berrante triunfo dos que, num pulo, querem topar o Céu com as pernas e às cambalhotas metem os pés pelas mãos, mas, a segura e vitoriosa estabilidade, na Grande Pintura, dos que, caminhando a direito pelo seu pé, bebendo pelo seu copo, trabalhando sempre, desenhando cada vez mais, sem atabalhoamentos e sem pressas, sem virtuosíssimas habilidades e fogos de vista, amando e servindo a Arte, amam e sentem a Natureza, procurando dar na tela, através do seu temperamento, a luz, o ar, as linhas e a côr, que, bailando-lhes na retina, cantando-lhes na alma, lhes vibra nos pinceis e lhes estua e vive na paleta.

Há muito mais arte, muito mais talento, muito mais segurança e, infinitamente, muito mais desenho, neste Interior do Fernando Galhano — aluno de Alberto Silva e expondo de cambalhada, na exposição escolar das suas condiscípulas de aula — pintando com calma, com firmeza, com segurança, com ternura e com probidade um recanto da casa paterna — uma mesa de torcidos, uma figura velada de rapariga a costurar por trás dos estores da janela, à laia dos «interiores» famosos de Amélia de Sousa — do que em tudo que pintam, têm pintado e hão-de pintar os rapazes da geração e da igualha de Fernando Galhano, que, por aí, andam na berra de modernistas e moderneiros, apregoados como apóstolos e corifeus, levitas, sacerdotes e profetas das Artes Novas, virgens, mártires e confesores de Novos Credos e que tendo esquecido os vagos rudimentos do desenho linear que se aprende nas escolas primárias, por aí, armam, com todos os ferros da Publicidade, em capelinhas de moicanos e ritos invertidos, tôdas as Escolas de «Istas» e «Ismos» — com portas para a escada de Rilhafoles, nos incuráveis, e poucas permanências nas esquadras da Celebri-